


O ESTIGMA DAS MORADIAS PARA PESSOAS IDOSAS: A PARTICIPAÇÃO DO USUÁRIO PARA UM DESIGN INCLUSIVO

 <https://doi.org/10.56238/arev7n3-024>

Data de submissão: 05/02/2025

Data de publicação: 05/03/2025

Rosangela Pereira Rachid

Mestranda no Programa de Pós-graduação em Gerontologia da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP), São Paulo/SP, Brasil, graduada no curso de Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Paulista (UNIP), São Paulo/SP, Brasil.

E-mail: rosangelarachid@usp.br

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-0872-6746>

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/8555948278100637>

Maria Luisa Trindade Bestetti

Mestrado e Doutorado em Arquitetura pela Universidade de São Paulo, graduação em Arquitetura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, professora no Bacharelado e Pós-Graduação em Gerontologia da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP), São Paulo/SP, Brasil.

E-mail: maria.luisa@usp.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5748-1974>

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/7395600578316844>

RESUMO

O processo natural de envelhecimento pode levar a alterações na funcionalidade, tornando necessário o acesso a diferentes formas de suporte, como as Instituições de Longa Permanência para Pessoas Idosas (ILPI). Entretanto, estudos recentes ressaltam a necessidade de uma compreensão mais aprofundada sobre os estigmas que cercam essas instituições, impactando sua aceitação e o modo como são percebidas pela sociedade. Este estudo explorou o conceito do design centrado no usuário, destacando a funcionalidade dessas organizações para atender às diferentes necessidades dos residentes. Trata-se de uma revisão integrativa, utilizando como base de dados publicações em periódicos nacionais e internacionais. Nesse contexto, um design inclusivo e colaborativo deve ser considerado, contribuindo para a interação produto-usuário, ajustando-se aos diferentes graus de dependência, com o propósito de sustentar o processo de envelhecimento de forma autônoma e independente pelo máximo de tempo, possibilitando a descaracterização negativa atrelada às ILPI.

Palavras-chave: Design. Envelhecimento. ILPI. Moradia. Pessoa Idosa.

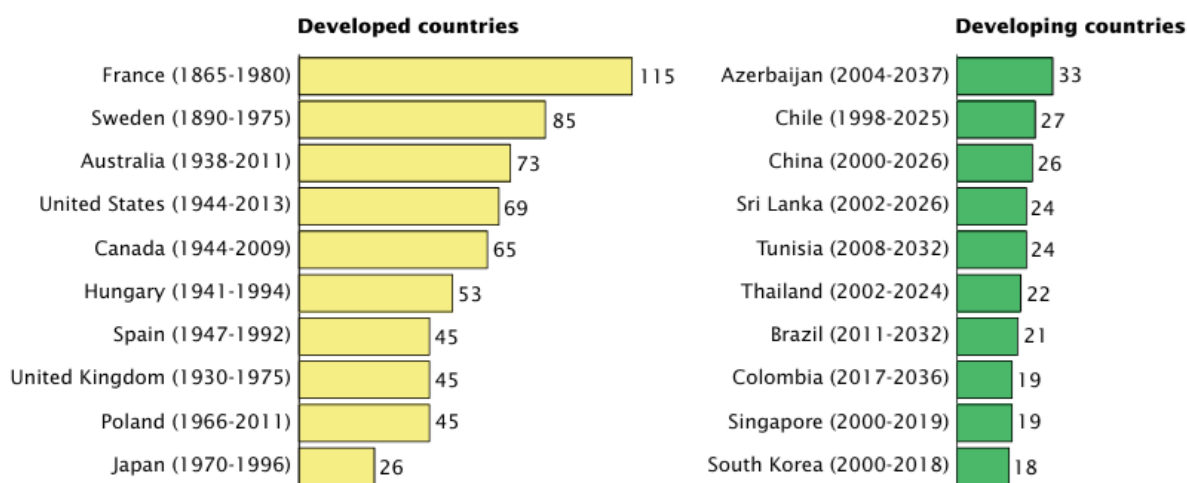
1 INTRODUÇÃO

A população com 60 anos ou mais está crescendo a um ritmo mais acelerado do que as demais faixas etárias, representando atualmente cerca de 13,5% da população mundial (UN, 2024). Esse crescimento demográfico deve se intensificar nas próximas décadas, e, segundo o Relatório da Década do Envelhecimento Saudável (OPAS, 2022), em 2030, uma em cada seis pessoas terá 60 anos ou mais.

As projeções de longo prazo reforçam essa tendência de envelhecimento global. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (WHO, 2015), estima-se que, até 2050, o número de pessoas idosas alcance 2 bilhões, com 80% dessa população vivendo em países em desenvolvimento.

No Brasil, essa transição demográfica não é diferente, com a população idosa se tornando predominante em um curto período, o que traduz um forte agravante. Em apenas duas décadas, o percentual de pessoas com 60 anos ou mais dobrou, em contraste com a França que levou mais de 100 anos para obter os mesmos índices, conforme indicado no relatório *Global Health and Aging* (WHO, 2011) e ilustrado na Figura 1 abaixo.

Figura 1: Número de anos para que a população idosa (65+) passasse de 7% a 14% do total



Fonte: <https://www.census.gov/content/dam/Census/library/publications/2009/demo/p95-09-1.pdf>

De acordo com as projeções do IBGE (2024), entre 2000 e 2023, a população idosa no Brasil quase dobrou, passando de 8,7% para 15,6%. As estimativas indicam que, até 2070, essa faixa etária representará 37,8% da população total do país. Esse avanço está diretamente ligado ao aumento da expectativa de vida, bem como impulsionado por avanços significativos na medicina e na tecnologia, conforme apontado por Kontis *et al.*, (2017).

Essa rápida transformação no padrão demográfico brasileiro não foi acompanhada pelo mesmo ritmo de avanços nas inovações voltadas ao design de produtos para a população idosa. Ao analisar o crescimento da demanda por cuidados decorrente dessa projeção, observa-se uma estagnação no

desenvolvimento de soluções adequadas. Nesse contexto, segundo Camarano e Mello (2010, p. 13) a "provisão de serviços de saúde e de cuidados formais ainda é uma questão não equacionada", sobretudo no que diz respeito aos modelos de moradia, que carecem de adaptações para atender às necessidades desse público em expansão.

Estudos voltados ao aprimoramento da habitabilidade para atender às necessidades específicas voltadas ao envelhecimento, ainda se apresentam de forma escassa (Alcântara; Camarano; Giacomini, 2016). Entre as modalidades de moradia existentes, as Instituições de Longa Permanência para Pessoas Idosas (ILPI) figuram como uma das mais antigas alternativas de acolhimento, porém, permanecem envoltas em estigmas, frequentemente associadas ao abandono, à segregação e à perda de autonomia. Essa visão negativa contribui para a resistência em relação a essas instituições e reforça a necessidade de repensar os espaços destinados à moradia da população idosa.

A adoção de um design inclusivo, orientado para o acolhimento e adaptável aos diferentes graus de dependência, é fundamental para ressignificar essas moradias. Além de proporcionar cuidados essenciais e assistenciais à saúde, um ambiente bem projetado pode oferecer maior qualidade de vida e bem-estar aos residentes. Nesse sentido, a participação ativa das pessoas idosas no processo de concepção dos espaços institucionais torna-se um elemento-chave para transformar a percepção desses locais. Essa abordagem não apenas promove soluções mais alinhadas às expectativas e necessidades dos usuários, mas também contribui para modificar, de forma positiva, a visão da sociedade sobre essas moradias, especialmente em um cenário de crescente demanda por alternativas habitacionais para o envelhecimento.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa adotou a abordagem de revisão integrativa, um método que permite a síntese e análise de estudos teóricos e empíricos sobre o tema, proporcionando uma visão abrangente da produção científica disponível. Além disso, essa abordagem subsidia reflexões críticas que contribuem para a construção de novos conhecimentos e práticas no campo estudado.

Para a construção desta revisão, seguiram-se as seis etapas recomendadas por Souza, Silva e Carvalho (2010): (i) identificação do problema de pesquisa; (ii) definição dos critérios de inclusão e exclusão dos estudos; (iii) categorização das informações extraídas dos artigos selecionados; (iv) análise crítica e interpretação dos achados; (v) discussão dos resultados à luz do referencial teórico; e (vi) apresentação da síntese do conhecimento produzido.

A busca bibliográfica foi realizada em bases de dados científicas reconhecidas, sendo elas: BMC Geriatrics, ResearchGate, PubMed, Semantic Scholar, The Lancet e Google Scholar. Foram

utilizados os descritores *long-term care*, *inclusive design* e *aging*, combinados por meio de sintaxes de busca específicas nas línguas portuguesa e inglesa. A partir desses critérios, foram selecionadas 16 publicações para compor a análise.

Os critérios de inclusão utilizados para análise dos artigos foram: periódicos online, livres, em língua portuguesa, inglesa ou espanhola, artigos originais, completos, e publicados entre os anos de 2000 e 2023. Os artigos encontrados nas buscas que se mostravam incompatíveis com o escopo da pesquisa foram excluídos.

3 RESULTADOS

Os trabalhos selecionados para esta pesquisa estão detalhadamente listados no Quadro 1, que apresenta as referências completas e as principais abordagens em cada estudo.

Quadro 1: Trabalhos levantados

Ano	Autor	Título	Temática
2001	Hodgson, G.	A evolução das instituições: uma agenda para pesquisa teórica futura.	Evolução das instituições a partir de uma perspectiva teórica, destacando seu papel na estruturação das interações sociais e econômicas.
2003	Keates, S.; Clarkson, J.	Countering design exclusion.	Estratégias para combater a exclusão no design, destaca importância de projetos acessíveis e inclusivos.
2003	Coleman, R; Lebbon, A	A designer-centred approach.	Abordagem centrada no designer, criação de soluções acessíveis e inclusivas, considerando as necessidades dos usuários desde as etapas iniciais do projeto.
2005	Von Hippel, E.	Democratizing innovation: The evolving phenomenon of user innovation.	Explora o conceito de inovação democratizada, destacando como os próprios usuários desenvolvem e aprimoram produtos e serviços, influenciando a inovação de maneira descentralizada e colaborativa.
2006	Wang, C-H.; Kuo, N-W.	Zeitgeists and development trends in long-term care facility design.	Analisa as tendências de desenvolvimento no design de instalações de cuidados de longa duração, destacando como mudanças socioculturais influenciam a concepção desses espaços.
2010	Eriksson, B. G.	Studying ageing: Experiences, description, variation, prediction and explanation.	Explora como as experiências e variações no envelhecimento influenciam as necessidades.
2013	Bianchi, S. A.	Qualidade do Lugar nas Instituições de Longa Permanência para Idosos	Investiga a qualidade dos ambientes em ILPI, analisando como fatores ambientais, arquitetônicos e sociais influenciam o bem-estar e a qualidade de vida dos residentes.
2016	Porto, C. F.; Rezende, E. J. C.	Terceira idade, design universal e <i>aging-in-place</i> .	Aborda a relação entre envelhecimento, design universal e <i>aging-in-place</i> , e a importância de ambientes acessíveis e adaptáveis para promover a autonomia das pessoas idosas.

2016	Deng, Y.; Dong, T.; Zheng, G.	Theoretical Model of Special Product Design for the Elderly.	Propõe um modelo teórico para o design de produtos para pessoas idosas, abordando as necessidades específicas dessa faixa etária e como os produtos podem ser projetados para melhorar a sua qualidade de vida e independência.
2017	Burzynska, A. Z.; Malinin, L. H.	Enriched Environments for Healthy Aging: Qualities of Seniors Housing Designs Promoting Brain and Cognitive Health.	Aborda como o design de moradias para pessoas idosas pode criar ambientes que favoreçam a saúde cognitiva.
2017	Tesch-Römer, C.; Wahl, H-W.	Toward a more comprehensive concept of successful aging: disability and care needs.	Propõe um conceito mais abrangente de envelhecimento bem-sucedido, considerando as necessidades de cuidados e suas limitações.
2018	Aride, A.; Couto, R.	O Design mediando processos de cocriação interdisciplinares com foco na Doença de Alzheimer.	Aborda o papel do design na mediação de processos de cocriação interdisciplinares, enfatizando a colaboração entre diferentes áreas para desenvolver soluções inovadoras.
2020	De Medeiros, M. M. D. <i>et al.</i>	Does institutionalization influence the elderly's quality of life? A systematic review and meta-analysis	Investiga os impactos das instituições de longa permanência na vida dos residentes.
2020	Quezada, G. D.; Damazio, V. M. M.	Diseño y Longevidad: consideraciones para el desarrollo de proyectos para adultos mayores que involucran tecnologías no familiares.	Aborda o design e a longevidade, e sua importância para o desenvolvimento de projetos voltados para pessoas idosas.
2022	De Souza, T. C.; Wanderley, M. C. A.; Duarte Neto, J. M. W.	Percepção dos idosos no novo ciclo de convívio em uma instituição de longa permanência na cidade de Jaboatão dos Guararapes-PE.	Investiga a percepção das pessoas idosas e o convívio em uma instituição de longa permanência na cidade de Jaboatão dos Guararapes-PE.
2023	Ardinghi, M. B.; Aunbertoldi, C.	Design para requalificação: um estudo sobre a segunda vida dos objetos em ambiente doméstico.	Aborda o design para requalificação, com ênfase na adaptação de espaços para pessoas idosas, promovendo sustentabilidade e segurança ao reutilizar itens para atender às necessidades do envelhecimento.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

4 DISCUSSÃO

A partir do levantamento realizado, foi possível identificar que o envelhecimento populacional está relacionado em um contexto de grandes transformações, sendo elas sociais, culturais, econômicas, institucionais, no sistema de valores e arranjos familiares (Camarano; Kanso, 2010).

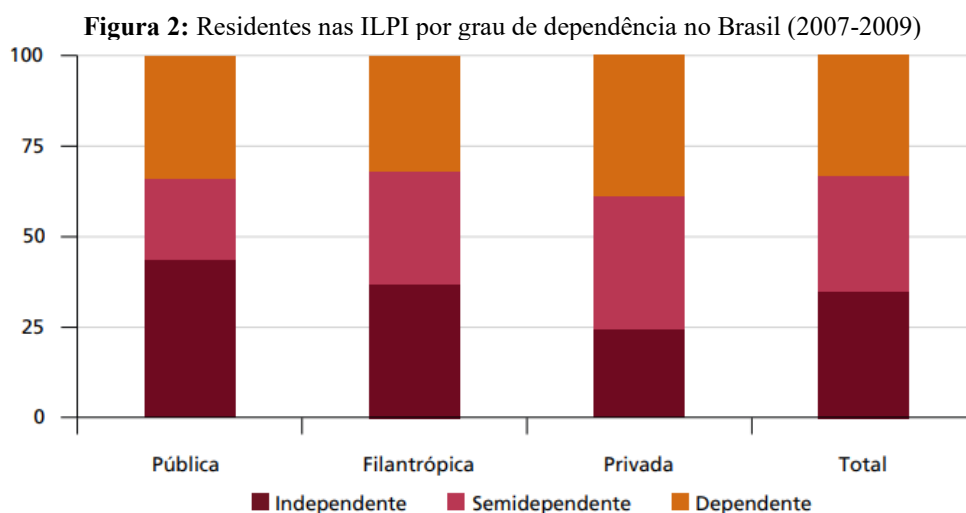
No Brasil, o Estatuto da Pessoa Idosa (2003) define como idosa toda pessoa com 60 anos ou mais, independentemente de seu estado psicológico, social ou de saúde física. O documento estabelece que a família, a sociedade e o Estado têm o dever de garantir a proteção e o amparo a essa população. No entanto, o aumento da longevidade, aliado à redução da capacidade das famílias de prestar cuidados contínuos, tem ampliado significativamente a demanda por Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI).

Embora as ILPIs sejam uma das mais antigas alternativas de cuidado para pessoas idosas, ainda enfrentam forte estigma social. Frequentemente associadas aos antigos “asilos”, essas instituições são,

em muitos casos, vistas como espaços de abandono, pobreza e exclusão social (Born; Boechat, 2016). Esse preconceito reforça desafios na aceitação e no aprimoramento dessas moradias, evidenciando a necessidade de novas abordagens que promovam um olhar mais inclusivo e digno para o envelhecimento institucionalizado.

Uma pesquisa conduzida pelo IPEA (Camarano *et al.*, 2011) teve como objetivo analisar as condições de funcionamento das Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI) no Brasil, além de realizar o primeiro levantamento nacional sobre o número de instituições existentes até então. A coleta de dados ocorreu entre 2007 e 2010, e, ao término, foi apresentada uma visão geral das ILPI no país, abrangendo aspectos como características de funcionamento, infraestrutura e serviços oferecidos.

Um dado de extrema relevância que surgiu na pesquisa do IPEA (Camarano *et al.*, 2011) foi a diferença significativa entre as instituições públicas, filantrópicas e privadas no que se refere ao perfil de dependência dos residentes (Figura 2). Nas instituições públicas e filantrópicas, observou-se um percentual consideravelmente maior de pessoas idosas independentes, enquanto nas instituições privadas o Grau de Dependência¹ mais comum era o III, que caracteriza uma maior necessidade de cuidados.



¹ Grau de Dependência do Idoso – RDC/ ANVISA n° 502 de 27/05/2021:

Grau de Dependência I - idosos independentes, mesmo que requeiram uso de equipamentos de autoajuda. Grau de Dependência II - idosos com dependência em até três atividades de autocuidado para a vida diária tais como: alimentação, mobilidade, higiene; sem comprometimento cognitivo ou com alteração cognitiva controlada. Grau de Dependência III - idosos com dependência que requeiram assistência em todas as atividades de autocuidado para a vida diária e ou com comprometimento cognitivo.

Esse resultado evidencia um quadro em que muitas pessoas idosas que recorrem às instituições públicas ou filantrópicas enfrentam dificuldades relacionadas à falta de suporte familiar, escassez de recursos financeiros ou moradia inadequada, o que os leva a buscar esse tipo de serviço. Assim, como destacam Silva e Yamaguchi (2017, p. 118), onde “a institucionalização pode ser compreendida como uma alternativa para aqueles que desejam ou necessitam de um local de moradia para o idoso”.

Esse dado destaca a urgência de adaptar as Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI) às diversas condições de dependência e às necessidades específicas dessa população, em um contexto de crescente demanda por esses serviços frente a um envelhecimento heterogêneo. A escassez de alternativas adequadas e a limitação de recursos fazem com que muitas pessoas idosas se vejam forçadas a recorrer a essas instituições, o que reforça a necessidade de desenvolver um modelo de cuidado mais inclusivo e flexível, capaz de atender de forma eficaz as diferentes realidades dessa população.

Diante desse cenário, é fundamental que as Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI) integrem características híbridas em suas funções e estrutura (Kane, Kane, 1987) para atender de forma abrangente às necessidades de saúde, bem-estar e autonomia dos residentes. A criação de ambientes adaptáveis, baseados em um design inclusivo que leve em consideração as diversas condições de dependência, não apenas auxilia na superação das carências existentes, mas também promove a melhoria da qualidade de vida e da dignidade dos residentes.

Esse aspecto se torna ainda mais relevante diante do aumento contínuo da demanda e está profundamente vinculado ao estigma associado a esses espaços. Nesse contexto, a inclusão das pessoas idosas no processo de design de produtos voltados a elas emerge como uma estratégia relevante, pois contribui para uma melhor adequação às suas necessidades e, ao mesmo tempo, ajuda a combater o estigma que ainda envolve as soluções de moradia e produtos direcionados a esse público.

4.1 O DESIGN COMO FERRAMENTA DIRECIONADA PARA A PESSOA IDOSA

As novas tecnologias, apoiadas pelo design, têm promovido melhorias significativas na usabilidade, como é o caso dos smartphones, cada vez mais utilizados por pessoas idosas. Essas inovações também desempenham um papel fundamental na resolução de desafios sociais, por meio da abordagem empática que busca compreender as necessidades e desejos dessa população (Quezada; Damazio, 2020).

Nesse contexto, Manzini (2017) define inovação social como a criação de novas ideias — produtos, serviços e modelos — que atendem a necessidades sociais e geram novas relações ou

colaborações. Quando nos deparamos com um cenário de novas demandas, onde há uma pressão para ações rápidas e urgentes, torna-se essencial uma mudança do modo convencional para um design mais ágil e voltado para a solução desses problemas.

Contudo, a percepção sobre o envelhecimento populacional ainda é limitada. Segundo Deng, Dong e Zheng (2016), o estudo de design de produtos voltados para pessoas idosas é urgente e necessário. Um design inovador deve ser direcionado e aplicado, levando em consideração as características fisiológicas e as demandas explícitas ou implícitas para a qualidade de vida dessa população.

A democratização da inovação, conforme apresentada por Von Hippel (2005), destaca a importância de um design centrado no usuário, refletindo benefícios ao envolver as pessoas idosas no processo. Sua ausência pode resultar em soluções pouco atraentes e propostas limitadas para necessidades significativas, conforme apontado por Östlund (2015).

O cenário do estereótipo do envelhecimento como um processo homogêneo e caracterizado por perdas físicas e sociais tem sido transformada. Atualmente, há uma maior valorização de uma abordagem mais individualizada, reconhecendo as particularidades de cada pessoa idosa. Embora existam características comuns entre elas, pesquisas demonstram que as diferenças individuais aumentam com a idade (Eriksson, 2010). Essa mudança de perspectiva se torna de extrema relevância para o desenvolvimento de soluções de design que atendam de forma mais eficaz as necessidades diversas dessa população.

O protagonismo das pessoas idosas como inovadoras ativas, em vez de serem vistas apenas como usuárias passivas, e sua sinergia com os designers, pode acelerar significativamente as mudanças no estigma que envolve essas pessoas, tanto em relação ao papel que desempenham como usuários quanto à percepção da sociedade. No entanto, para que essa transformação ocorra de maneira efetiva, é relevante compreender os fatores relacionados a características macro ambientais, que envolvem a sociedade e o mercado, bem como os aspectos específicos das pessoas idosas.

Nesse sentido, Aride e Couto (2018) argumentam que os objetos destinados a essa população, no contexto da institucionalização, devem apresentar um design aberto, permitindo personalização. Isso não só favorece o protagonismo, como também oferece um senso de utilidade, permitindo que os residentes materializem seus pensamentos e resgatem elementos de sua memória, especialmente no caso daqueles que estão em processo demencial.




Deng, Dong e Zheng (2016) abordam fatores que podem fornecer suporte para a construção de uma teoria voltada ao design direcionado à pessoa idosa, os quais se dividem em três categorias:

- Fatores macroscópicos: relacionados ao envelhecimento da população e às características do desenvolvimento social. As características da sociedade moderna estão se tornando cada vez mais diversificadas, exigindo desenvolvimentos que atendam às reais necessidades dessa população.
- Fatores mesoscópicos: que envolvem as diferenças na demanda do mercado de produtos para pessoas idosas, influenciadas por aspectos regionais, culturais e econômicos.
- Fatores microscópicos: que se referem à contradição entre as exigências das pessoas idosas e a realidade, onde os impactos específicos precisam ser analisados à luz das necessidades psicológicas dessa população, confrontando as discrepâncias com a realidade objetiva.

Além disso, as semelhanças e diferenças entre o design de produtos para pessoas idosas, o design sem barreiras e o design universal devem ser levadas em consideração (Figura 3).

De acordo com Deng, Dong e Zheng (2016), todos esses enfoques convergem para o mesmo objetivo: melhorar a qualidade de vida do usuário. O Design Universal, fundamentado em sete princípios que atendem às necessidades de indivíduos com diferentes características antropométricas, serve para avaliar a usabilidade de um produto ou espaço, considerando também fatores como aspectos econômicos, culturais, de gênero e ambientais (Porto; Rezende, 2016).

Figura 3: Comparação entre design de produtos especialmente para pessoas idosas, design sem barreiras e design universal.

Type	Service object	Design content	Relevant design drawings
Design of special	The elderly	Various types of products (live entertainment, rehabilitation, information etc) products for the elderly	
Barrier free design	The disabled, The elderly	Public design environmental facilities (Channel, The blind, Tactile map etc)	
Universal design	All users	Products and facility design for different people	

Fonte: <https://www.scirp.org/journal/paperinformation?paperid=63297>

Contudo, quando o design é especificamente direcionado para pessoas idosas, é necessário considerar algumas singularidades, tais como: o desenvolvimento de um design funcional (intuitivo, simples e fácil de usar), o design da forma (que atenda às necessidades psicológicas e estéticas), o

design ergonômico (focado em segurança, conforto e aplicabilidade), o design da estrutura (garantindo viabilidade, firmeza e durabilidade) e o design de valor (considerando características econômicas, sustentabilidade e conotação cultural). Assim, percebe-se que este design vai além do conceito de design sem barreiras, frequentemente aplicado a ambientes públicos, ou do design universal, que é direcionado a todos os usuários sem um público-alvo específico (Deng; Dong; Zheng, 2016).

Porto e Rezende (2016, p. 162) reforçam essa perspectiva, ao afirmarem que é preciso considerar “a personalidade de cada indivíduo e suas dificuldades no ambiente, o que vai além do simples uso de um checklist do que fazer ou não”, uma vez que a moradia deve garantir segurança, conforto e independência para os moradores.

4.2 O PAPEL DO DESIGN INCLUSIVO E A PESSOA IDOSA

De acordo com Steinfeld e Tauke (2002), o design inclusivo está intimamente relacionado ao conceito de design livre de barreiras, tendo suas origens no campo da reabilitação. Por sua vez, Asmervik (2002) destaca que projetar sem barreiras resolve dificuldades básicas impostas por incapacidades, frequentemente gerando soluções voltadas para pessoas com deficiência. Nesse sentido, a abordagem de soluções livres de barreiras pode contribuir para o estigma associado à população idosa, associando o termo a usuários com deficiências. A preocupação com esse estigma é abordada por Coleman e Lebbon (2003), que observam a importância de perceber que pessoas com incapacidades não desejam ser vistas como usuárias de produtos especiais e, por consequência, segregadas da sociedade.

Ao analisarmos o design inclusivo, podemos entender que este não está direcionado a um nicho específico, mas sim beneficia o maior número possível de pessoas, independentemente de suas características, como defendem Keates e Clarkson (2003).

No entanto, Steinfeld e Tauke (2002) afirmam que o design inclusivo deve ir além da capacidade funcional e ser também atrativo. Isso permite que um número maior de pessoas se beneficie das melhorias, contribuindo para a eliminação da discriminação social em relação ao design. Essa aceitação social ocorre quando o design do produto atende às expectativas dos usuários, gerando desejo e adoção.

Além disso, Coleman e Lebbon (2003) ressaltam o crescimento do número de pessoas idosas, que, com o aumento da experiência e do esclarecimento, desenvolvem novas expectativas em relação ao design de produtos e serviços, comparados às gerações anteriores.

Jordan (1999) classifica as respostas emocionais desencadeadas pelo uso de um produto em diferentes tipos de prazer, que podem ser identificados como:

- Prazer físico: relacionado aos fatores sensoriais, como o toque ao usar um produto ou o aroma que ele exala.
- Prazer social: inclui o status ou o papel social que a imagem do produto pode representar, além da interação social que ele promove, como ambientes que facilitam encontros e relações.
- Prazer psicológico: envolve a satisfação que o produto oferece ao ser utilizado, tornando a experiência agradável, com relação às funções cognitivas e às respostas emocionais.
- Prazer de ideias: está relacionado aos valores pessoais, onde a estética do produto combina com o valor simbólico que ele representa.

No contexto de moradias, Bestetti (2014) argumenta que a ambiência vai além do espaço físico, sendo composta por elementos emocionais, como objetos e pessoas, que geram condições positivas ou negativas. Segundo a autora, "quando falamos em ambiência, pensamos em humanização por meio do equilíbrio de elementos que compõem os espaços, considerando fatores que permitam o protagonismo e a participação" (Bestetti, 2014, p. 602).

Com base nesse raciocínio, Bianchi (2013) afirma que o declínio funcional de pessoas idosas pode ser agravado por ambientes que não favorecem o equilíbrio e a adaptação. Nesse sentido, Tesch-Römer e Wahl (2017, p. 315) defendem a implementação de "dispositivos compensatórios e otimizadores" no ambiente de moradia, para preservar a autonomia e o bem-estar das pessoas idosas, destacando-os como estratégias fundamentais para um envelhecimento bem-sucedido.

Hodgson (2001) sugere uma rota de investigação ao analisar o papel das instituições na formação de propósitos e preferências individuais, identificando como contribuintes na formação de hábitos que moldam e restringem comportamentos. Destaca ainda como exemplos de instituições o casamento, o mercado e a propriedade.

Relatos de residentes em ILPI, relacionados à falta de independência e privacidade, são abordados por De Souza, Wanderley e Neto (2022). Esses autores defendem a necessidade de adaptações nas instituições tanto na estrutura física quanto nos recursos humanos, destacando as barreiras arquitetônicas como as maiores dificuldades relatadas pelos moradores para exercerem plenamente seu direito à liberdade.

De Medeiros *et al.*, (2020) relatam a baixa qualidade de vida de pessoas idosas institucionalizadas, defendendo que as condições de infraestrutura devem garantir uma qualidade de vida integrada, considerando os aspectos físicos, psicológicos, sociais e ambientais, para possibilitar uma vida digna, com protagonismo e autonomia.

Wang e Kuo (2006) concluem que é necessário repensar os conceitos presentes nas ILPI, substituindo a imagem hospitalar tradicional por um ambiente mais “caseiro”, que priorize as necessidades físicas e psicológicas dos residentes. Esta tendência reflete uma mudança nos conceitos das instituições de longa permanência, projetando instalações modernas de cuidado de longo prazo que enfatizam as necessidades humanas, além da funcionalidade médica.

O potencial terapêutico envolvido na complexidade ambiental de um projeto de moradia para pessoas idosas, que favorece o desempenho cognitivo dos moradores, é apontado por Burzynska (2017). Ambientes projetados para promover a exploração espontânea dos espaços estimulam a autonomia, impactam positivamente na qualidade de vida e favorecem a saúde mental e as funções cognitivas. No entanto, o autor também destaca os desafios desse equilíbrio, pois as diretrizes de design voltadas para a pessoa idosa muitas vezes não consideram as diferenças e preferências individuais, o que pode gerar oportunidades de interação social por meio de espaços bem projetados e um design agradável. Aspectos como o uso de tecnologias também são essenciais, gerando habitações inteligentes que atendem ao declínio das habilidades à medida que aumentam as necessidades assistenciais, criando um ambiente híbrido e adaptável.

A adequação às normas vigentes é necessária, mas muitas vezes não atende plenamente às necessidades do usuário. Um design que favoreça a autonomia e a independência nas atividades diárias melhora significativamente a qualidade de vida, indo além da simples assistência fornecida pelas instituições. Nesse sentido, desenvolver espaços comuns com um design apropriado, em colaboração com os próprios usuários, valoriza a convivência e promove o senso de pertencimento (Bianchi, 2013).

Segundo Östlund (2015), o envolvimento do usuário no desenvolvimento de modelos voltados para a população idosa faz com que eles se tornem corresponsáveis pelos resultados. Isso resulta em um melhor entendimento do espaço que ocupam e contribui para melhorias no processo, tornando o design mais adequado às suas expectativas, funcionalidade e estética. Para Pedroso (2018, p. 227), apenas com o envolvimento dos usuários será possível trabalhar os estigmas existentes "entre o indivíduo na velhice e a habitação, e entre esta e a instituição".

Por fim, Ardinghi e Aunbertoldi (2023) argumentam que a personalização de objetos cria vínculos afetivos, promovendo apego e sustentabilidade emocional. Eles sugerem que a requalificação de objetos que compõem o universo de moradores institucionalizados “desenvolve uma associação pessoal significativa por meio do emprego de energia pessoal”, aproximando indivíduos que compartilham diferentes ideias para transformá-los (Ardinghi; Aunbertoldi, 2023, p. 19).

5 CONCLUSÃO

Os dados apresentados neste estudo evidenciam a necessidade urgente e imprescindível de um design inovador na concepção de instalações e ambientes voltados para pessoas idosas em Instituições de Longa Permanência (ILPI). Um design centrado no usuário, que considere as características e os diferentes graus de dependência das pessoas idosas, não só cria ambientes mais atrativos, mas também estimula a autonomia e participação dos moradores. Esse tipo de design tem o potencial de transformar a percepção social sobre as ILPI, rompendo com estereótipos negativos tanto em relação aos residentes quanto às próprias instituições, perante a sociedade.

Os resultados apontam para a importância de aproximar o morador da instituição (usuário-design), reconhecendo e respeitando as diferenças individuais e as mudanças que ocorrem ao longo do envelhecimento. Essa aproximação possibilita o desenvolvimento de novas formas de morar, adequadas às necessidades do envelhecimento contemporâneo, empregando o design como uma importante ferramenta na resolução dos desafios atuais.

Esse olhar centrado no usuário, que considera as necessidades e especificidades desse envelhecer heterogêneo, não apenas melhora a qualidade dos espaços nas ILPI, mas também contribui para a quebra dos estigmas existentes em relação a essas instituições. Ao criar ambientes mais acolhedores, funcionais e adaptados à realidade do envelhecimento, promove-se uma percepção mais positiva da sociedade sobre as ILPI, desafiando a visão tradicionalmente associada a lugares de abandono ou degradação.

Há ainda a necessidade de uma expansão das pesquisas no campo das ILPI, com o intuito de contrastar as práticas assistenciais tradicionais com abordagens de design inovador, abrangente e híbrido, capaz de atender à crescente demanda populacional. O foco dessas pesquisas deve ser não apenas na conformidade com a legislação, mas também na promoção da autonomia e da qualidade de vida dos residentes, garantindo um cuidado mais humano, eficaz e diverso.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, A. O.; CAMARANO, A. A.; GIACOMIN, K. C. O. (Orgs.) **Política Nacional do Idoso: velhas e novas questões**. Rio de Janeiro, IPEA, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/7253>. Acesso em: 04 jan. 2023.

ARDINGHI, M. B.; AUNBERTOLDI, C. Design para requalificação: um estudo sobre a segunda vida dos objetos em ambiente doméstico. **Estudos em Design**, Revista (online). Rio de Janeiro: v. 31, n. 3, 2023, p. 40 – 59. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/376508584_Design_para_requalificacao_um_estudo_sobre_a_segunda_vida_dos_objetos_em_ambiente_domestico. Acesso em: 15 set. 2023.

ARIDE, A.; COUTO, R. O Design mediando processos de cocriação interdisciplinares com foco na Doença de Alzheimer. **Estudos em Design**, Revista (online). Rio de Janeiro: v. 26, n. 1, 2018, p. 195–223. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/327321876_O_Design_mediando_processos_de_cocriacao_interdisciplinares_com_foco_na_Doenca_de_Alzheimer. Acesso em 16 set. 2023.

ASMERVIK, S. Cities, buildings and parks for everyone, a universal design compendium. Christophersen (ed.), **Universal Design**, v. 17, 2002. Disponível em: <https://vdocument.in/universal-design-12-cities-buildings-and-parks-for-everyone-a-universal.html?page=1>. Acesso em: 20 dez. 2022.

BESTETTI, M. L. T. Ambiência: espaço físico e comportamento. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, 17(3), 601-610, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1809-9823.2014.13083>. Acesso em: 20 dez 2022.

BIANCHI, S. A. **Qualidade do Lugar nas Instituições de Longa Permanência para Idosos** — Contribuições Projetuais para Edificações na Cidade do Rio de Janeiro. 294pf. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <https://proarq.fau.ufrj.br/teses-e-dissertacoes/795/qualidade-do-lugar-nas-instituicoes-de-longa-permanencia-para-idosos-contribuicoes-projetuais-para-edificacoes-na-cidade-do-rio-de-janeiro>. Acesso em: 27 dez. 2022.

BORN, T.; BOECHAT, N. S. A qualidade dos cuidados ao idoso institucionalizado. In: FREITAS, E. V. *et al.* (Org.). **Tratado de geriatria e gerontologia**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016. p. 1131-1141. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/11979>. Acesso em: 28 dez. 2022.

BRASIL. Estatuto do idoso. **Brasília (DF): Senado Federal**, 2003. Disponível em <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70326/672768.pdf?sequence=2>>. Acesso em 03 dez.2022

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. RDC nº 502, de 27 de Maio de 2021. Dispõe sobre o funcionamento de Instituição de Longa Permanência para Idosos, de caráter residencial. **Diário Oficial da União**: Seção 1, Brasília, DF, edição 101, p. 110, 31 mai. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/participamaisbrasil/resolucao-rdc-n-502-de-27-de-maio-de-2021#:~:text=Disp%C3%B5e%20sobre%20o%20funcionamento%20de,para%20Idosos%2C%20de%20car%C3%A1ter%20residencial>. Acesso em: 22 out. 2024.

BURZYNSKA, A. Z.; MALININ, L. H. Enriched Environments for Healthy Aging: Qualities of Seniors Housing Designs Promoting Brain and Cognitive Health. **Seniors Housing & Care Journal**, v. 25, n. 1, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/322645431_Enriched_Environments_for_Healthy_Aging_Qualities_of_Seniors_Housing_Designs_Promoting_Brain_and_Cognitive_Health. Acesso em: 04 jan. 2023.

CAMARANO, A. A.; MELLO, J. L. Cuidados de longa duração no Brasil: o arcabouço legal e as ações governamentais. In: **Cuidados de longa duração para a população idosa: um novo risco social a ser assumido**. p. 68-92, 2010. Disponível em: https://scholar.google.com.bo/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=C5&q=CAMARANO+e+MELLO+2010. Acesso: 20 dez. 2022.

CAMARANO, A. A. *et al.* Condições de funcionamento e infraestrutura das instituições de longa permanência para idosos no Brasil. Rio de Janeiro. **Ipea**, 2011. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/5208?locale=pt_BR. Acesso em: 29 dez. 2022.

CAMARANO, A. A.; KANSO, S. As instituições de longa permanência para idosos no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 27, p. 232-235, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepop/a/s4xr7b6wkTfqv74mZ9X37Tz/>. Acesso em: 18 dez.2022.

COLEMAN, R.; LEBBON, C. A designer-centred approach. In: Clarkson, J., Keates, S., Coleman, R., Lebbon, C. (eds) **Inclusive Design**. Springer, London, 2003. p. 501-518. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-1-4471-0001-0_30. Acesso em: 22 out. 2024.

DE MEDEIROS, M. M. D. *et al.* Does the institutionalization influence elderly's quality of life? A systematic review and meta-analysis. **BMC geriatrics**, v. 20, n. 1, p. 1-25, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32024479/>. Acesso em: 20 dez. 2022.

DE SOUZA, T. C.; WANDERLEY, M. C. A.; DUARTE NETO, J. M. W. Percepção dos idosos no novo ciclo de convívio em uma instituição de longa permanência na cidade de Jaboaão dos Guararapes-PE. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 8, p. e49911831440-e49911831440, 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/361625678_Percepcao_dos_idosos_no_novo_ciclo_de_convivio_em_uma_instituicao_de_longa_permanencia_na_cidade_de_Jaboatao_dos_Guararapes_-_PE. Acesso em: 15 dez. 2022.

DENG, Y.; DONG, T.; ZHENG, G. Theoretical Model of Special Product Design for the Elderly. School of Art and Design, Wuhan University of Technology, Wuhan, China. **Art and Design Review** Vol.4 No.1. February 3, 2016. Disponível em: DOI: 10.4236/adr.2016.41001 . Acesso em: 21 dez. 2022.

ERIKSSON, B. G. **Studying ageing: Experiences, description, variation, prediction and explanation**. Department of Sociology; Sociologiska institutionen, 2010. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/Studying-ageing-experiences-description-and-Eriksson/0798a788075ccfa1bfba75e9fb9632b641e067db>. Acesso em: 27 dez. 2022.

HODGSON, G. A evolução das instituições: uma agenda para pesquisa teórica futura. Dossiê Economia Institucional – **Econômica**, v.3, n.1, p. 97-125, jun. 2001. Disponível em: http://www.propi.uff.br/revistaeconomica/sites/default/files/V.3_N.1_DOSSIE_1_Geoffrey_Hodgson.pdf. Acesso em: 23 dez 2022.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Projeções da População Brasil e Unidades da Federação Estimativas e Projeções Revisão**, 2024. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/9c05a15727b2454a8640369bf9c93c57.pdf. Acesso em: 22 fev. 2025.

JORDAN, P. W. **Designing pleasurable products: An introduction to the new human factors**. London, CRC press, 1999. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/books/mono/10.1201/9781498702096/human-factors-product-design-patrick-jordan-green>. Acesso em: 03 jan 2023.

KANE, R. A.; KANE, R. L. **Long-term care: Principles, programs, and policies**. New York: Springer, 1987. Disponível em: https://scholar.google.com.bo/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=05&q=KANE+Rosalie+A.+KANE+Robert+L.+Long-term+care+Principles+programs+and+policies.+1987.&btnG=. Acesso em: 17 dez. 2022.

KEATES, S.; CLARKSON, J. Countering design exclusion. **Inclusive Design**, p. 438-453, 2003. London. Disponível em: https://sci-hub.se/10.1007/978-1-4471-0001-0_27. Acesso em 03 jan 2023.

KINSELLA, Kevin; HE, Wan. **An aging world: 2008**. Washington, D.C.: U.S. Census Bureau, 2009. (International Population Reports, P95/09-1). Disponível em: <https://www.census.gov/content/dam/Census/library/publications/2009/demo/p95-09-1.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2025.

KONTIS, V. *et al.* Future life expectancy in 35 industrialized countries: projections with a Bayesian model ensemble. **The Lancet**, v. 389, n. 10076, p. 1323-1335, 2017. Disponível em: <https://www.thelancet.com/action/showPdf?pii=S0140-6736%2816%2932381-9>. Acesso em: 14 dez. 2022.

MANZINI, E. **Design: quando todos fazem design: uma introdução ao design para a inovação social**. Tradução: Luiza Araújo. São Leopoldo, RS. Ed. UNISINOS, 2017.

OPAS. Organização Pan-Americana da Saúde. **Década do Envelhecimento Saudável: Relatório de Linha de Base**. Washington, D.C.: OPAS; 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.37774/9789275726587>. Acesso em: 22 fev. 2025.

ÖSTLUND, B. The benefits of involving older people in the design process. In: **International Conference on Human Aspects of IT for the Aged Population**. Springer, Cham, 2015. p. 3-14. Disponível em: https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-319-20892-3_1. Acesso em: 20 dez. 2022.

PEDROSO, E. S. R. **Intervalos do Apego: a relação afetiva entre o idoso e a moradia coletiva institucional no Brasil e em Portugal**. 2018. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ. Recuperado em 30 novembro, 2019. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/21/teses/867632.pdf>. Acesso em: 26 dez. 2022.

PORTO, C. F.; REZENDE, E. J. C. Terceira idade, design universal e *aging-in-place*. **Estudos em Design**, Revista (online). Rio de Janeiro: v. 24, n. 1, 2016, p. 152 – 168. Disponível em: <https://www.eed.emnuvens.com.br/design/article/viewFile/301/216>. Acesso em: 10 ago. 2023.

QUEZADA, G. D.; DAMAZIO, V. M. M. Diseño y Longevidad: consideraciones para el desarrollo de proyectos para adultos mayores que involucran tecnologías no familiares. **Estudios em Design**,

Revista (online). Rio de Janeiro: v. 28, n. 1, 2020, p. 65 – 76. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/342619357_Disenho_y_Longevidad_consideraciones_para_el_desarrollo_de_proyectos_para_adultos_mayores_que_involucran_tecnologias_no_familiares. Acesso em: 15 set. 2023.

SILVA, N. A. M. E.; YAMAGUCHI, M. B. A ILPI como espaço para moradia. In: Bestetti, M. L. T., & Graeff, B. (Coords). **Habitação e cidade para o envelhecimento digno**. 1ª Ed. São Paulo, SP: Portal do Envelhecimento, 2017.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein (São Paulo)**, v. 8, p. 102-106, 2010. Disponível em: SciELO Brasil - Integrative review: what is it? How to do it? Integrative review: what is it? How to do it?. Acesso em: 24 fev. 2023.

STEINFELD, E.; TAUKE, B. 2.1 Universal Designing. **17 Ways of Thinking and Teaching**, p. 165, 2002. Disponível em: https://scholar.google.com.bo/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=C5&q=STEINFELD+Edward+TAUKE+Beth.+2.1+Universal+Designing.+&btnG=. Acesso em: 23 dez. 2022.

TESCH-RÖMER, C.; WAHL, H-W. Toward a more comprehensive concept of successful aging: disability and care needs. **The Journal of Gerontology: Series B**, v. 72, n. 2, p. 310-318, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/geronb/gbw162>. Acesso em 27 dez. 2022.

UNITED NATIONS DEPARTMENT OF ECONOMIC AND SOCIAL AFFAIRS. **World Population Prospects 2024: Summary of Results**. UN, 2024. Disponível em: <https://population.un.org/wpp/graphs?loc=900&type=Probabilistic%20Projections&category=Pop%20Percentages&subcategory=Age%2060%20and%20over> . Acesso em: 22 fev. 2025.

VON HIPPEL, E. Democratizing innovation: The evolving phenomenon of user innovation. **Journal für Betriebswirtschaft**, v. 55, n. 1, p. 63-78, 2005. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/259969284_Democratizing_Innovation_The_Evolving_Phenomenon_of_User_Innovation. Acesso em: 19 dez. 2022.

WANG, C-H.; KUO, N-W. Zeitgeists and development trends in long-term care facility design. **Journal of nursing research**, v. 14, n. 2, p. 123-132, 2006. Disponível em: https://scholar.google.com.bo/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=05&q=Wang+Chia-Hui+Kuo+Nai-Wen*+Zeitgeists+and+Development+Trends+in+Long-Term+Care+Facility+Design.+&btnG=. Acesso em: 17 Dez. 2022.

WHO - WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Global health and aging**. Bethesda: National Institute on Aging, 2011. Disponível em: https://www.nia.nih.gov/sites/default/files/2017-06/global_health_aging.pdf. Acesso em: 22 fev. 2025.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **World report on ageing and health**. World Health Organization, 2015. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789241565042>. Acesso em: 10 dez. 2022.